

# A GRINALDA.

VOL. I. N. 3.

JORNAL DOS DOMINGOS.

DOMINGO 6 DE AGOSTO DE 1848.

Na lida da humana vida  
Deye por-se de pernico,  
P'ra suavizar o trabalho,  
Adistracção e o recreio.

---

**A GRINALDA** Subscreve-se nas lojas de papel dos Srs.  
Cardozo & Comp., rua do Ovidor n.º 91; Passos na mesma  
rua n.º 152; Teixeira & comp.º rua dos Ourives n.º 21;  
a 2\$000 rs. por 12 numeros, avulso 200 rs.

---

## IMPERIA.

(ROMANCE.)

POR

JOSE ANTONIO DO VALLE.

*Ella, tão só, não podia existir sem  
o amor de um poeta.*

## III

### NÃO PODIA EXISTIR.

O sol apparecia por sobre os mórros da risonha Nietheroy.  
Eu sympatizo com o sol; amo-o mesmo. E é porque elle  
doira os campos e os matoos da minha terra. E é porque  
elle faz cantar os passarinhos que nós temos aninhados na  
cordas dos coqueiros e nos galhos do jiquitibá.

E tão bom vér o astro-rei como a caminhar no nosso  
ceo azul, mais claro que o ceo dos outros!

O feliz não concebe a sua magestade e a sua pureza, mas  
o infeliz, o triste, como eu era então, entende-e, amo-o, e  
sympathisa com elle.

Eu amava o sol — e via-o no ceo — e estava triste! E estava triste porque Imerisa não via-o como eu, com o mesmo pensamento, juncto á mim!

Onde iria que não fosse solidão? Estava tão só!... tão so-zinho no mundo. Eu não podia existir. Procurava a minha alma em toda a parte, e ella me fugia.

Lembrei-me de repente! á essa hora o templo de Deos estava aberto para ouvir as preces dos christãos: fui lá; e recuei sobresaltado, porque vi anjos, vi santos, e não vi a minha Imerisa. O meu anjo não ouviria as minhas orações, para transmitil-as á Deos com os seus labios puros!

— Imerisa! exclamei involuntario.

E o echo da igreja repetio o mesmo nome surdamente, como si alquebrado, cançado de continua vigilia, quizesse adormecer então, e me respondesse com a voz do primeiro sonno. E esse echo me fallou a voz da dor; e as lagrimas me humedeceram as palpebras. Ate então, eu vivia nas casas do Senhor, consagrado á religião, á natureza, e ao amor... ao amor que tudo resumia — o universo inteiro; e agora? languido, amortecido pelo sofrimento, eu só existia na solidão de mim mesmo, e fóra de mim eu nada sentia. Estava reconcentrado em estupida apathia, como o idiota completo, que não tem consciencia de si. Estado era este dubioso, crepuscular, e equivoco entre a morte e a vida.

Sah! da igreja; andei errante divagando de rua em rua; e vinte vezes me aproximei á caza de Imerisa, fugindo outras tantas d'ella, sujeito á uma luta interna em que a minha alma vacillava entre o amor e o repudio. Finalmente o sentimento do repudio venceu; eu me afastei da habitação da ing... não! do templo em que eu venerava, em que eu ainda, si podesse, veneraria o meu anjo — a minha santa — a minha Imerisa. E fui chorar, no atrio da Igreja de S. Francisco das chagas, contigua ao Convento de S. Antonio, as minhas afflições, e si fosse possivel, comparar tambem o meu estado feliz de tão poucos dias, com o de então, tão vago e tão sem fito, como o do viajante perdido nas brenhas dos nossos sertões.

Pensava ahí; e pensava tão só!...

— Eide deixar Imerisa, disse eu commigo; não quero mais vê-la, e nem procurarei amar outra mulher. Uma mulher sublime, não vulgar, uma mulher-anjo, não me comprehendeu, repudiou-me sem me ouvir, julgou-me precipitadamente: todas as outras me farão peior, porque menos me poderão entender!

DUSCAR A TUA AMAR SI NAO SIVERESES MELHORAS DA SAU-  
da guarda...

—O meu anjo da guarda! continuei a pensar; eide andar, como um morto ambulante, sentindo e não sentindo em mim, cogitando e sem consciencia de minha existencia, e em sum querendo sem nada poder, porque a vontade não estará em mim. Penosa situação! E esta multidão de tectos avermelhados que descortino com a vista, cobrem tantos entes amados e felizes. Si eu podesse ser feliz!....

A' esta ultima exclamação uma mão de leve poisou sobre a minha cabeça; voltei-me, e vi o frade, que me conduzira à casa da doente incognita.

—Em que cuidaes? me perguntou elle; as almas boas não devem soffrer, porque a recompensa de Deos, às nossas obras, começa n'este mundo.

—Meu reverendo!

—Fizeste-nos tanto bem! si soubesses!

—Ignoro tudo.

—Pois bem: escutai-me. « Um pai tinha uma filha linda e virtuosa. Esta filha amava a um jovem bem digno d'ella; mas o pai lhes prohibia a união, porque, por um engano culpavel, suppunha-o filho bastardo e sem meios para conservar a herança e dote que lhes daria. Os dous amantes eram incansaveis em procurar occasões de se-verem, e de tal sorte levaram o excesso de seu amor, que a moça, mais fraca, cahio em desfalecimento e ficou verdadeiramente doente. »

—E então me chamastes para vê-la?

—Ainda não: escutai-me. « Um medico rico tinha-a visto uma noite no theatro de S. Pedro d'Alcantara, e a pedira à seu pai. Esta propozião foi accepta pelo velho com satisfação, e chamando a menina lhe fez saber. Esta por seu lado recorreu-a francamente, e declarou-lhe o amor que ja tinha. Nem era mais preciso para acender a colera do velho, que prohibio toda a relação exterior, e começou a tratar intimamente com o medico, na esperança da fazel-o seu gento. »

—E conseguiu assim dobrar a vontade de sua filha?

—Enterrompeis-me a cada momento. « Quando a menina cahio doente, o medico foi chamado. Ele examinou-a, alargou os labios, e fingindo commover-se disse à seu pai, que em vista da molestia que tinha prezente aos olhos, desistia do pedido que lhe fizera. O pai ouvindo isto, e não poden-

lavras, cabio desmaiado; e a moça entendendo a malvadeza e a perfídia do seu amador desprezado lh'os exprobou fortemente. O impostor não quiz ouvir-a e desapareceu, deixando a consternação no seio de uma família inteira. Nesta occasião eu fui chamado, e o pai, em um estado de loucura, me pediu que confessasse sua filha, e lhe dissesse si ella era digna d'elle. Consolei-o quanto pude, e disse-lhe que me encarregaria de descobrir a innocencia da menina, sem de nenh'hum modo servir-me da confissão que não era um instrumento dos homens, mas unicamente um meio de salvação das almas. Aconselhei-o, em primeiro lugar, que tratasse de mudar-se para uma linda chacara que tinha no Botafogo, assim de restabelecer-se do grande abalo que tivera e que o podia prostrar no leito da dor; e em segundo, que prometesse à sua filha dala em casamento ao seu amante si ella se justificasse inocente. Foi uma feliz lembrança, que previ restabeleceria a saude da menina e a tranquilidade do pai. Meu trabalho teve melhor sucesso do que pensava; mas para concluir-o, para congraçar a filha com o pai, era-me preciso um medico... »

— De que modo?

— « A menina, ouvindo a promessa de seu pai, começou a restabelecer-se à olhos vistos, mas não quiz dizer uma palavra em seu abono. E o pai, si bem não se achasse muito propenso a acreditar no que ouvira do medico, todavia ainda suspeitava. Neste estado propuz que voltassem para a cidiade, e que eu procuraria mixteriosamente um outro medico, de quem reclamaria sigillo, assim de examinar si a menina se achava em estado normal. Elle assentio aos meus dezejos, mas eu procurei dehalde, por cinco dias, um homem que me fizesse um dos mais meritórios officios... o acaso, me fez encontrar-vos. Vós fostes... »

— Basta, meu reverendo!

— Não: ouvi o resto. « A vossa declaração escripta na carta, que elle me mandara nesse dia, lembrando-me o meu prometimento, o fez chorar de alegria, e arrepender-se de ter acreditado no dito de um mau homem. O bom pai abraçou sua filha, beijou-a, pediu-lhe perdão e prometeu-lhe a sua felicidade. Vio-os ambos chorar lagrimas de ternura; e a mãe, acompanhada em círculo pelos outros seus filhos, bem dizer a vossa existencia. »

cobrir! E depois? os dous jovens amantes se casaram.

— Não. « Havia entre elles um espaço vasto, profundo... profundissimo, como uma larga e tenebrosa *grot*a que os separava... »

— E que espaço era este?

« Na occasião da perfídia do medico, tendo o incauto pai prohibido absolutamente toda a comunicação entre a moça e seu amante; este perdeu inteiramente a esperança de ser feliz e desapareceu, de modo que quando ella já alegre por poder tornar a vê-lo, lhe escreveu, não pôde mais achá-lo. »

— Oh! eu eide encontral-o.

— Podereis fazel-o? meu bom amigo!

— Prometto! e tanto mais que folgo ter agora que fazer. Si o que fizer aos outros poder aproveitar-lhes, talvez que eu seja feliz.. Estou tão triste! Vi a minha doente incognita na igreja, na manhã de um domingo; ella me fallou e eu lhe respondi e acompanhei-a até sua casa, porque isso me pediu seu pai. Mal poderia pensar, que isso fosse a causa da minha maior dor! Uma mulher—um anjo que eu amava— viu tudo, e deixou-me.

— Meu filho! a religião, a natureza...

— Sei tudo quanto me ides dizer! Eu não devia amar excessivamente! Devia desprezar a mulher que me despreza! A religião é a melhor espousa do Christão!—Pensei em tudo isto, e ainda em mais coisas! Poderia mesmo pôr em prática esses pensamentos si se tratasse de uma mulher vulgar, de um ente distinto de mim; mas não era assim—essa mulher é o meu anjo da guarda, é a minha Imorisa.

— *Et nō non inducas in temptationem!*

— Não blasfemo, meu padre, fallo-vos seriamente; e achando-me só, procurei a solidão, augmentando a minha dor, para fazel-a sentir ao meu coração, às minhas arterias, e enfim aos meus nervos, que a tantos dias não sentem.. Neste mesmo momento em que vos fallo, eu não tenho consciencia de mim...

— Não prestastes em vão um serviço, me dice o frade cheio de religiosa gravidade; a vossa doente hâde restituir-vos a vossa Imorisa.

— Que dizeis, meu padre?!

— Não vos esqueçdes do que promettestes!

— Mas...

E não me quiz ouvir mais uma palavra. Deixou-me na

vieram-me encher a alma de uma doce melancolia—tão doce como o mel dos favos da mandaçaia.

—Imerisa ainda hade ser minha!

Exclamei eu, elevando-me, e indo apressado para a casa, tratar de descobrir o amante da minha doente, e restituirl-o em troca da minha Imerisa.

Muitos dias trabalhei em rigorosas pesquisas. E eu de tudo sabia; menos, porém, do perdido amante.

A minha doente incogitada achava-se verdadeiramente enferma.

Imerisa estava prostrada no leito do sofrimento.

E eu então ja sentia a dor vehemente que devora—que mata:

Nós, uns sem o outro, não podíamos existir.

(Continuar-se-ha.)

---

## 1 O CANTO DO CORSARIO

*Extralido do romance o — Corsario — de*

**JOSÉ ANTONIO DO VALLE.**

A solidão... é emfim a condenação dos maos!...

Como não está o mão, sem vida e sem existencia todo entregue á apathia e ao enlace ferruginoso e apertado desta dona poderosa das trevas e da natureza morta, tremendo e convulsando, sentado sobre a nua pedra lavada pelas aguas de uma arenosa praia!... O mão ali está sentado, e seu corpo está fixo e immovel representando em um templo abominavel e sensual do paganismo a estatua da mentira e da perversidade!! Sua boca não murmura sequer uma palavra; seus labios estão pallidos como se fossem formados de braneo marmoreo!

«Vanzinelli... Vanzinelli... tu pensas em teus crimes!.. a solidao despertou no fundo da tua alma as idéas de Deos e do dever que haviam nella amortecido!... mas que senão haviam anniquilado, porque estas idéas não se anniquilam na alma de homem algum; tanta é a providencia do Senhor

Deos!... tanta é a bondade infinita do Creador dos homens!...»

« Vanzini!! Vanzini!! tu reflectes?!. . . tua consciencia se despertou, e disse-te: que existias na terra!... mas... O inferno!! só o inferno!!! Tres estradas existem que conduzem o homem na senda da sua conservação: porem uma só a felicidade, porque o fim do homem é um 'único'! tu te não guiaste por elle, porque a não tens ouvido! Para!... retrograda!... O dever! o dever sómente!... —A consciencia fallou-te a verdele; e tu a ouviste porque estavas fora do tumultuar do mundo; as tuas paixões te haviam abandonado por um dia; e a solidão convidou-te a reflectir! Tu olhaste para a tua vida: e o que viste?!. . . O crime!.. sómente o crime! Era o teu passado uma serie de precipícios horrorosos!! mil fauces lançando línguas de labaredas ameaçarão tragar a tua existencia futura... e tu tremeste! »

« Vanzini!!! Vanzini!!! Demora-te para teu bem na solidão!... reflecte ainda um dia!... um só dia!... e tu conhecerás o caminho do bem... O caminho da felicidade!... O teu sim! Não ouviste a tua consciencia?!. . . O sim do homem é sómente o dever! tu o não tens seguido até hoje! Reflecte mais um dia.... e o que te parece impossivel hade verificar-se!! Trabalha.... e has de retrogradar.... »

« Vanzini!!! Vanzini!!! assim como olhaste no teu futuro, assim como reflectiste no teu passado, reflecte um só instante no que tens ainda de fazer! nos pensamentos que borbulhavam hontem ainda em tua cabeça!... Pára! pára!! Sim! Vanzini!.. um passo se quer dado para diante nessa estrada, hade precipitar-te no abysmo! Pára. »

« Vanzini!! Vanzini!! Tantas familias perseguidas por tua malvadeza reclamam de ti uma reparação. Ah! repara!! repara o que tens feito.... não faças mais mal aos desgraçados!... repara.... Ah! tu não ouviste?... »

« Vanzini!!! Vanzini!!! porque ergueste o teu corpo dessa pedra?!. . . Torna assentar-te!... reflecte mais um dia!!! um só dia.... e nada mais!.... »

Era este o canto das vagas que fallavão á alma de Vanzini no meio da solidão das praias; mas repentinamente elles começaram a perturbar-se e a quebrar-se furiosas sobre aquellas árca; o trovão surdo da tempestade suffocou-as, e Vanzini não ouvio mais nada.....

Neste momento, Vanzini.... soltou um suspiro, elevan-

teu-se e estendeu os olhos sobre as ondas, e tornou a sentar-se para se reconcentrar em si proprio. Havia em sua alma um como existir odioso e vago, igual ao crepusculo da noite; uma submersão espantosa o dominava, e por um momento a sua alma pareceu não reflectir: perdeu a sua natureza, perdeu a propria actividade, ou si a tinha, espiraram neste instante as relações consigo proprio e com o mundo externo. Um momento de silencio para o homem não, é uma accusação violenta de seus crimes.

— « Vanzini!!! Vanzini!!! » rebramio a voz das vagas.

Vanzini acordou do seu lethargo.

— « Tu não voltarás, dizia a mesma voz, para a terra do teu nascimento!! para o berço que te embalou no odorífero palacio dos marquizes de Pompilii, onde os perfumes do Oriente se queimavam constantemente em thuribulos de ouro!! Tu não voltarás mais para a terra do teu nascimento!... não verás aquellas resumidas praças!... aquellas escadarias de marmore!... aquelles jardins de estatuas que em tua infancia deslubravam a vivacidade de teus olhos!... Sim!... »

— « Vanzini!!! Vanzini!!! Tu não verás nada d'aquelle que em os teus dias de creança, te amou, te basejou, e te surriu!... Aqui, neste lugar... aqui mesmo!... »

Seria a voz de bramar das ondas, ou seria a consciencia do não, quem assim fallava?... Talvez fosse um presagio!...

.....

### CARTA DIRIGIDA À —GRINALDA—.

Sr.<sup>a</sup> *Grinalda.*

Como pelo nome que Vm. tem, me parece mulher, e eu precisava, lá na cidade, de uma amiga a quem me dirigisse, não quero deixar de aproveitar occasião tão opportuna.

Eu sou cá da roça, nascida e creada em uma casa de capim, que meu pai fez, junto à um mangue maldito; capaz de matar de seções á um exercito, quanto mais á nós pobres coitadas, que temos escapado por milagre, mas mais anarejadas do que casca de limão.

Eu sou cá da roça, e muito amiga das flores, e tão amiga que assentei de mim para mim mandar-lhe algumas que cá **nascem** sem cultivo e sem o favor da enxada. Uma grinalda só de flores da cidade, será uma engenhoza grinalda, mas não haverá ser bonita nem haverá ter o cheiro dos mattos que me arrebata quando vou por elles passear. Eide, se consentir, mandar-lhe essas flores, mas quero-as ver permeiadas com as suas; e então veremos qual delas tem mais primor—: si as minhas da roça, nascidas entre *cipós* e *cardos*; si as de Vm. nascidas nos jardins e regadas todos os dias.

Eu sou cá da roça e não gosto muito de que os homens se intrometão nos negócios das mulheres; e por isso lhe quero fallar com franqueza: enjoei-me de que Vm. desse entrada em suas paginas á tantos escritos de homens. Não vi nada que cheirasse ao nosso sexo, e isto não pode acreditar-se de nem hum modo. Os homens que se atirem lá para os trabalhos rudes e outras couzas que são proprias d'elles; e deixem-nos fallar de seus vicios, porque somos nós que os devemos corrigir. Elles são muito atrevidas; nunca forão generosas, e se ganharem a sua confiança, hão de tasquinhar-nos á grande, hão de fallar mal de nós. Cuidado minha amiga Grinalda! Como cá não ha bailes, nem theatros, tenho tempo de pensar melhor nisto, do que Vm.

Responda-me pelo portador; e eu na proxima semana lhe mandarei a minha primeira flor em uma *cuia de caeté* cheia-zinha de terra cá da roça.

Sua amiga e affeiçoadada.

**MARUCAS DA RESTINGA.**

### RESPOSTA.

*Muito minha respeitada Senhora,*

Saudes a Vossa Mercê, e mil fortunas, desejo-lhe sinceralmente. Tenho recebido a sua mimosa cartinha, embriagando com seu perfume roceiro a poesia de minhas flores: na verdade, eu esperava que alguma senhora assim fizesse — que me coadjuvasse na impresa do meu ornamento; que quer? — sou vaidosa — sou da cidade — sou ainda moça. Graças a minha estrela, por lhe-

haver inspirado a sua meiga protecção; e queira Deus, que Vossa Mercé continue a entreter-se comigo com seus espirituosos escritos; amo a litteratura do meu paiz—amo a poesia das flores—alegro-me quando posso mimosamente engrinaldar a imaginação de alguma poetisa —quando posso coroar a mais linda cabeça de pretos cabelos brasileiros. Criou-me minha mã assim; sempre entre flores, passeando nos jardins, e por cima das roseiras—e, em dia, em que estivesse mais pallida, mais medrosa, ornando a a fronte de noiva amendrontada em pudor. Oh que se Vossa Mercé soubesse da chronica da minha vida! teria ciumes de mim.

Permita-me uma pequena observação: esses homens que Vossa Mercé me pede illimine da minha companhia,—não são desses homens de cifras—abésos—prosaicos—insupportaveis; não, são jovens amadores—poetas—meigos e tão meigos como a donzella mais hysterica—soffrendo dos nervos e mais ainda do coração; bem vê pois, que, esses meus lindos admiradores aprecião o bello—o vaporoso—o ideal e vagão de continuo pelos jardins—pelos bosques e pelo céo; ao luar cantão em melancolia; em noite escura, assustão-se ao menor ruido; são estes os meus companheiros, deixe Vossa Mercé que vamos juntos em nosso passeio—que elles amão com ternua o nosso sexo—dizem-nos mil coisas bellas—trocão com nosco seus olhares—e cantão tão melodiosamente de saudades e de amor! Eu amo estes moços assim! ame-os Vossa Mercé comigo; que algum dia elles me convidarão a coroar a sua delicada cantora—a Vossa Mercé. E então não lhe agrada?—nunca mais me falle em seu desfavor, que eu gosto delles.

Entre outras bonitas florinhas mandei-lhe um botão de rosa, gostou delle?—espero que não se esqueça de mim queira-me sempre muito bem, e mande-me, sempre que possa, alguma florinha lá da sua roça que na cidade se aprecia.

## A Sua Alteza o Príncipe Imperial.

Mimosa estrella,  
Lírio formozo;  
D'antigo tronco  
Ramo frondoso.

Brança pombinha  
Mansa, engracada,  
Dos nossos peitos  
Prenda adorada.

És o penhor  
Da doce paz,  
Presente amado  
Que Deos nos faz.

Si tu não foras,  
Meu tenro infante,  
Não s'ampliara  
Meu peito amante.

Amando a patria  
Com ator puro  
Dezejo o Solio  
Firme e seguro.

Quando nos bosques  
Tinha a naturea,  
Que amava alegre  
Com doce jura.

Agora o pranto  
Por ti derramo,  
Teu nome em sonhos  
Constante chamo.

És qual o fructo  
D'uma mangueira,  
Que nos derrama  
Sombra fagueira.

Tão saboroso,  
Tão agradavel,  
Nutrição da-nos  
Pura saudavel.

E's qual as auras  
Na madrugada;  
Que brinca ledas  
Com a flor molhada.

Alvo jasmim  
Candida flor  
Não atrahe tanto  
O nosso amor.

Não nos seduz  
Nem estazia,  
Flores que a patria  
Fecunda cria.

Só tu me roubas  
Todo o affécto  
Do imo péito  
Sempre discreto.

Talvez um dia  
Aos meos tornada  
Te torna a c'roa  
Mais estrellada.

Será o quanto  
Possa fazer  
E assim amplie  
Meu bem-querer.

Rogando ao Ente  
Omnisciente  
Por ti dirijo  
Voto fervente.

Com bençãos sacras  
Da Divindade  
Fará com tigo  
Summa bondade.

Todo o vindouro  
Te bem-dirá,  
O teu reinado  
Feliz será.

## A LUA.

Como é tão pura a lua  
E como é tão bonita!  
E si doura da noite as tardas horas  
Sorrir de Deos imita! —

Ella reina tão placida  
Nos ceos, tão socegada!  
Parece não marchar no azul do espaço  
Parece estar parada.

Matizado de estrellas,  
Do mais raro tecido,  
O seu véo espalhou por sobre a terra  
Por sobre o ar subido.

Que luz que ella nos manda!  
Nos lagos reflectida  
E' mais pura a brilhar no campo e morros  
Na vargem mais florida.

E como mansamente  
As ondas já quebradas  
Em mil ondulações na praia mostram  
Mil luas prateadas!

E cada fria gota  
Na verde folha posta,  
Fiel representar em copia exacta  
A sua imagem gosta.

Coma é tão doce a flauta  
Tangida em hora sua,  
E como vibra e sôa o ar sereno  
Sem la vibrar na lua!

O echo que acompanha  
E voz de terna amante,  
Ou voz de Cherubim nos ceos cantando  
Um cantico incessante.

Como é tão doce a lua  
**E** como é tão bonita !!  
 De graças a toucar-se, e ao doce encanto  
 A natureza excite.

Os ventos rugidores  
 La dormem sobre as neves  
**Nos polos glaciaes; aqui fagueiros**  
 So reinam ventos leves

E' tudo a mór pureza  
 Que Deus poude inventar !  
**E** pode alguém haver, que á Deus não queira  
 Submisso se-curvar ? !

Vem cá Christão piedoso !  
 Vem tú oh musulmano !  
 Incredulo judeu, e as *gentes* todas ! !  
 A' ver o Deos humano.

Vede e vos prostai  
 Que tudo são effeitos  
 De uma causa só, de um ser sapiente  
 A' quem somos sujeitos.

As divisões das crenças  
 E' mera e vã fraqueza  
 Da mente que as formou: unico o Eterno,  
 Governa a Natureza !

Como é tão pura a lua  
 E como é tão bonita !!  
**A alma do Christão de prazer enche**  
 A's preces nos excita.

Repousa a humanidade  
 Do sonno no regaço;  
**E' tudo solidão; só eu meus versos**  
 A' branda lua faço

Que ideias me borbulham  
 Na minha mente activa !  
 Si as pudesse dizer ! fogem-me os termos  
 A voz me é bem esquia !

Eu tenho uma palavra  
Que encantos mil resume  
E quero a lua dar para que mostre  
A graça do seu lume

*Imerisa!* é tão bella!  
E' como a pura lua  
Talvez sejam irmãs, pois ella ostenta  
A magestade sua.

---

## MOTE.

Vamos viver na campina,  
Como vive a planta, a flor,  
Desfructando a paz suave,  
A suave paz de Amor.

## GLOZA.

Ah! meu bem, quão deleitosa  
E' a vida camponeza!  
Ah! quanta graça e belleza  
Não tem úma selva umbroza!  
Existe ali paz ditosa,  
E' ali que Amor domina;  
Ah! vem minha chara Osmina  
Destas delicias gozar,  
Vem meu alvergue habitar,  
Vamos viver na campina.

Verás nas coisas ruraes  
Coisas por ti nunca vistas;  
Verás de Amor as conquistas  
Entre os mesmos animaes:  
Ali, como em tudo o mais,  
Sem pena, nem dissabor,  
Té as plantas tem amor;  
Ah! sim, a ella corramos.  
Viver ali juntos vamos,  
Como vive a planta, a flor.

Ali, colhendo-as, veremos  
 Pastar o nosso rebanho,  
 E depois do mais amanho  
 Gostosos cuidar iremos:  
 Satisfeitos viveremos  
 Mantendo nosso amor grave;  
 E sem que o ciume trave  
 Entre nós fatal desdém.  
 Ali iremos, meu bem,  
 Desfructando a paz suave.

Sim, Osmina, ali gozando  
 Da mais perfeita harmonia,  
 O prazer, e alegria  
 Nós iremos desfructando:  
 Ali Se irá augmentando  
 Nosso affecto, e sem rigor  
 Do ciume estragador,  
 Que aos amantes guerra faz;  
 Desfructaremos a paz,  
 A suave paz de Amor.

*J. L. F.*

### ANECDOTA.

Um individuo tendo uma questão um pouco calorosa co-  
 outro dizia-lhe muito encolerizado: *Desengana-te fulano,*  
*não podes ser bom ainda que queiras; sempre és homem q*  
*não tens moral, nem phisico!*

### CHARADA

1.

Sou um roubo—2

Uma letra—1

Um martyrio—1

Um ladrão.

2.<sup>a</sup>

Uma cruz me reprseenta—1  
 Um pincel me reproduz—2  
 Se queres achar a outra  
 Lá na solfa te introduz—1

Não penses que se amofina  
 Por se ver enxoavalhado;  
 Podes cuspir-lhe no rosto  
 Dir-te-ha: *muito obrigado.*

3.<sup>a</sup>

Sem mim no Catholicismo,  
 Não se pode persistir—1  
 Sendo sólido, costumão  
 Não mastigar, engulir—1

Chama-se ao que se não pode  
 Facilmente destruir—2

Guardo muita coisa boa  
 Que merece ser guardada;  
 Cedo aos desejos de um ferro  
 Pois me fizerão furada.

4.<sup>a</sup>

Sabor—2  
 Isolado—1

Sabor  
 Appreciado.

Explicação das charadas do n.<sup>o</sup> 2.—1.<sup>a</sup> Madraço.—2.<sup>a</sup>—  
 Clemente.—3.<sup>a</sup>—Parlamento.